

Procuram-se patrocinadores

O PARQUE BURLE MARX, NA ZONA SUL DA CIDADE, PRECISA DE AJUDA PARA VÁRIOS PROJETOS DE MELHORIA

Fotos Álvaro Motta/AE

Bem perto da Marginal do Rio Pinheiros, na Zona Sul da Cidade, existe uma área verde de 138 mil metros quadrados, com pássaros, altas palmeiras-imperiais, bosques com antigas jabuticabeiras, lago, trilhas entre a vegetação e uma casa de colono tombada pelo Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico e Turístico do Estado (Condephaat). O pequeno paraíso, que todos podem visitar, é o Parque Burle Marx. Inaugurado há um ano pela Prefeitura, o parque precisa de ajuda de patrocinadores para projetos de melhorias.

Com características marcantes de Burle Marx, o grande nome do paisagismo brasileiro, o parque é o primeiro e único no País a ser administrado e mantido exclusivamente pela iniciativa privada, por meio da Fundação Aron Birmann, criada pela empresa Birmann Comércio e Empreendimentos S.A.

Preservação

“Nosso objetivo é o da preservação do parque e, com isso, proporcionar ao usuário um ambiente de lazer, fazendo-o sentir o quanto é importante o contato com a natureza”, diz a bióloga Mari Takebayashi, responsável pela administração do parque.

Uma série de projetos desenvolvidos pela bióloga está à espera de patrocinadores. Um deles é o projeto piloto de um orquidário natural suspenso para criar alamedas dentro da mata. “Com o orquidário é possível resgatar e recuperar a beleza da Mata Atlântica, com toda a sua vegetação”, diz Mari.

A adequação biofísica das trilhas para caminhada de pessoas de diferentes idades e capacidade cardíaca também está sendo elaborada pela bióloga: “Estamos procurando patrocinadores para tornar viáveis muitos projetos.”

A Fundação Aron Birmann, por meio de convênio realizado com a Secretaria da Cultura, realiza mensalmente um show no parque. “Damos preferência a concertos de música clássica ou erudita”, conta Mari. Os interessados em investir nos projetos devem entrar em contato com a fundação. O Parque Burle Marx está aberto ao público das 7h às 19h, de segunda a domingo, na Avenida Dona Helena Pereira de Moraes, 200.

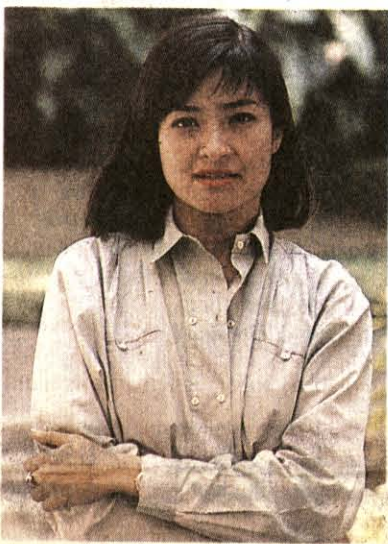
Dirce Lima



Sagüi no parque: contato com a natureza dentro da Cidade



Parque Burle Marx, na Zona Sul: o primeiro do País administrado e mantido pela iniciativa privada



Bióloga Mari Takebayashi



Área de 138 mil m² com trilhas e bosques com jabuticabeiras



'CONTO DE FADAS' ORIGINOU O PARQUE

Chácara de Pignatari

O parque Burle Marx nasceu da antiga Chácara Tanga-rá, do ex-playboy e empresário Francisco *Baby* Pignatari, que, no início da década de 50, se apaixonou pela princesa Ira von Fuerstenberg, na época recém-divorciada do príncipe de Hohenlohe. Enamorado, Pignatari casou com Ira e resolveu construir uma casa à altura da amada. E não economizou recursos. Convidou o paisagista Roberto Burle Marx para idealizar e construir os jardins da casa, projetada pelo arquiteto Oscar Niemeyer. Mas o casamento do empresário durou apenas três anos e ele, desestimulado, não levou as obras adiante.

A área, tempos depois, foi adquirida pelo Grupo Brascan e Birmann Empreendimentos, que hoje desenvolve vários projetos imobiliários nas proximidades do parque. “O nascimento do parque decorreu da proposta formulada à Prefeitura de que uma parte da área seria destinada ao uso público e outra a empreendimentos imobiliários”, explica o diretor da Fundação Arnon, Carlos Ximenes. Segundo ele, esse tipo de iniciativa poderia proporcionar um maior número de parques para a população e, ao mesmo tempo, garantir a preservação do meio ambiente pela iniciativa privada.

Paisagismo

O trabalho de Burle Marx pode ser admirado logo na entrada do parque, com a escultura-painel de alto e baixo relevos, jardins com plantas raras, pergolado e um tabuleiro de xadrez desenhado com duas espécies de grama, espelhos d'água e uma composição de 15 palmeiras-imperiais. O toque do paisagista, em harmonia com o verde, dá um ar majestoso ao parque.

Para manter a tranquilidade e beleza do lugar, a administração mantém 16 seguranças, dez jardineiros e quatro faxineiros, que procuram seguir à risca o cumprimento do regulamento, que difere dos adotados pelos parques tradicionais. A entrada de bicicletas, veículos motorizados, animais, vendedores, ambulantes e a prática de esportes não são permitidas, com exceção do jogging.

“O parque é um espaço de lazer contemplativo e, por isso, criamos um regulamento com normas voltadas totalmente para manter a preservação e conservação do ambiente”, diz Carlos Ximenes. Segundo ele, no início os usuários reclamavam, mas se acostumaram às restrições.

“Hoje os frequentadores já conhecem as normas e caminham tranquilos pelo parque com a certeza de que não serão molestados pelo barulho de buzinas ou por um par de patins”, afirma a bióloga Mari Takebayashi, responsável pela administração do Burle Marx. (D.L.)